



Ilustração: Carlos Roberto da Rosa Rangel.
Em busca de tesouros: uma abordagem lúdica pela inclusão social dos catadores.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas.

Organizadoras

Sarah Suzane Bertolli
Ana Paula Oliveira Sousa
Daiane de Oliveira Silva



INSTITUTO FEDERAL
Goiano



EDITORA
IF GOIANO

**DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO:
entre trilhas acadêmicas e poéticas**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Sarah Suzane Bertolli
Ana Paula Oliveira Sousa
Daiane de Oliveira Silva
(organizadoras)

**Diversidade e inclusão no território brasileiro:
entre trilhas acadêmicas e poéticas.**

1ª Edição

Goiânia, GO
IF Goiano
2026



**DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO:
entre trilhas acadêmicas e poéticas**

© 2026 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano

ISBN (e-book): 978-65-87469-92-8

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

B546

Diversidade e inclusão no território brasileiro: entre trilhas acadêmicas e poéticas. / Sarah Suzane Bertolli; Ana Paula Oliveira Sousa; Daiane de Oliveira Silva, organizadores. – 1. ed. Goiânia, GO: IF Goiano, 2026.

42 p., il.: color.

ISBN (e-book): 978-65-87469-92-8

1. Educação. 2. Diversidade Social. 3. Inclusão. 4. Território brasileiro. 5 Poesia. I. Bertolli, Sarah Suzane. II. Sousa, Ana Paula Oliveira. III. Silva, Daiane de Oliveira. IV. Instituto Federal Goiano.

CDU: 316.346

Ficha elaborada por Daiane de Oliveira Silva – Bibliotecário/CRB 1 n° 2685

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO:
entre trilhas acadêmicas e poéticas

Elias de Pádua Monteiro

Reitor do IF Goiano

Alan Carlos da Costa

**Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação
e Inovação**

Iraci Balbina Gonçalves Silva

**Assessora Especial do Núcleo Estruturante
da Política de Inovação (NEPI)**

Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano

Sarah Suzane Bertolli

Coordenadora Editorial

Ana Paula Oliveira Sousa

Assessora Editorial

Daiane de Oliveira Silva

Assessora Técnica

Conselho Editorial

**PORTARIA Nº 1555/REI/IFGOIANO,
DE 13 DE MARÇO DE 2024**

Bruno de Oliveira Costa Couto

Diego Pinheiro Alencar

Edivaldo Barbosa de Almeida Junior

Eliandra Maria Bianchini Oliveira

Fátima Suely Ribeiro Cunha

Flavia Oliveira Abrao Pessoa

Flávia Gouveia de Oliveira

Greiton Toledo de Azevedo

Ítalo José Bastos Guimarães

Jacson Zuchi

Jesmmmer da Silveira Alves

José Carlos Moreira de Souza

Júlio César Ferreira

Kássia Cristina Rabelo

Laise do Nascimento Cabral

Lara Bueno Coelho

Leonardo Carlos de Andrade

Lidia Maria dos Santos Moraes

Luciano Nogueira

Marco Antonio Pereira da Silva

Marcos Fernandes Sobrinho

Maria Luiza Batista Bretas

Mariana Pirkel Tsukahara

Matias Noll

Mirele Amaral de São Bernardo

Nadson Vinícius dos Santos

Natalia Carvalhaes de Oliveira

Natany Ferreira Silva

Ondina Maria da Silva Macedo

Priscilla Rayanne

Rhanya Rafaella Rodrigues

Ricardo Diogenes Dias Silveira

Romário Victor Pacheco Antero

Thelma Maria de Moura Bergamo

Thiago Fernandes Qualhato

Tony Alexandre Medeiros da Silva

Uiara Vaz Jordão

Woska Pires da Costa

Revisão textual

Paulo Goethe

(Contaceta Comunicação)

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Nascimento

(Contaceta Comunicação)

Bibliotecária responsável

Daiane de Oliveira Silva

Apresentação

Diversidade e inclusão no território brasileiro: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Em um país de dimensões continentais, onde vozes ecoam de florestas, margens e cidades, a diversidade não é apenas um tema — é uma vivência, um modo de estar no mundo. *Diversidade e inclusão no território brasileiro: entre trilhas acadêmicas e poéticas* nasce desse encontro entre ciência e sensibilidade, entre o olhar que investiga e o olhar que sente. Nesta obra, poesia e pesquisa se entrelaçam como dois rios que correm paralelos, às vezes se cruzando, sempre alimentando a mesma paisagem humana.

A coletânea se organiza em duas seções que dialogam entre si: a primeira, poética, convida o leitor a escutar a musicalidade das palavras; a segunda, acadêmica, propõe a leitura crítica de realidades e espaços que compõem o território brasileiro.

Na Seção de Poemas, as vozes de quatro autores se harmonizam em uma verdadeira “sinfonia da palavra”. Em *Sinfonia da Palavra: diversos tons, uma melodia*, Marcos Fernandes-Sobrinho abre o volume com um convite à escuta: sua poesia faz da linguagem um instrumento coletivo, em que cada verso pulsa como um timbre de identidade.

Em seguida, Josias José da Silva Júnior, em *O Tempo*, conduz o leitor a uma reflexão sobre o ritmo das horas e das transformações humanas, fazendo da passagem do tempo uma metáfora de resistência e aprendizado. Com ** (des)Encanto?**, Rita Ramos toca as fronteiras entre o sonho e a realidade, entre o que encanta e o que fere — revelando as nuances de um país que ainda luta por equidade. Por fim, em *Jogo da Vida*, Paula Andreia Dias Domingues transforma o cotidiano em palco de esperança, mostrando que viver é também reinventar-se, mesmo diante dos desafios.

A Seção de Artigos Científicos amplia esse horizonte, explorando outras formas de diversidade — a do pensamento, dos territórios e das epistemologias. No estudo *A percepção ambiental dos alunos da educação básica sobre a morfologia fluvial na Ilha de Mosqueiro, Belém-PA*, Cauã Oliveira Lima, Bruno Eduardo de Oliveira Gomes, Erik Mendonça Silva e Rita Denize de Oliveira apresentam um olhar sensível sobre a relação entre educação e meio ambiente, demonstrando como o conhecimento científico pode ser ferramenta de pertencimento e consciência ecológica. Encerrando a coletânea, Letícia Santana Stacciarini, em *Análise do espaço narrativo em “Crônicas de São Paulo: um olhar indígena”, de Daniel Munduruku*, propõe uma leitura crítica sobre o espaço urbano e o olhar indígena contemporâneo, tensionando os limites entre tradição e modernidade, presença e apagamento.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Assim, entre versos e análises, o livro revela que a diversidade é também um território de encontro: entre arte e ciência, entre voz e escuta, entre o que somos e o que ainda podemos ser. Cada texto aqui é uma trilha — e juntas, elas compõem um mapa sensível e reflexivo do Brasil que pulsa, resiste e se refaz pela palavra.

Boa leitura!

As organizadoras

Sumário

Seção de poemas	8
Sinfonia da Palavra: diversos tons, uma melodia - Marcos Fernandes-Sobrinho	9
O Tempo - Josias José da Silva Júnior	10
(des) Encanto? - Rita Ramos	11
Jogo da Vida - Paula Andreia Dias Domingues	12
 Seção de Artigos científicos	 13
A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A MORFOLOGIA FLUVIAL NA ILHA DE MOSQUEIRO, BELÉM-PA	14
Cauã Oliveira Lima	
Bruno Eduardo de Oliveira Gomes	
Erik Mendonça Silva	
Rita Denize de Oliveira	
 ANÁLISE DO ESPAÇO NARRATIVO EM “CRÔNICAS DE SÃO PAULO: UM OLHAR INDÍGENA”, DE DANIEL MUNDURUKU - LETÍCIA SANTANA STACCIARINI	 31
 Sobre os autores e artistas	 42

SEÇÃO DE POEMAS



Sinfonia da Palavra: diversos tons, uma melodia

Marcos Fernandes Sobrinho

A palavra, qual dom divino,
A ecoar em múltiplos tons,
Tece sinfonia do destino,
A unir corações e nações.

Cada voz, timbre único,
Histórias que se entrelaçam,
A formar mosaico magnífico,
Em que diferenças se abraçam.

A palavra, ponte de união,
A quebrar barreiras e muros,
A promover inclusão,
Em mundo plural e seguro.

O respeito, tônica da canção,
A valorizar a diversidade,
Cada ser em sua plenitude,
Com igualdade e dignidade.

A palavra, instrumento contra a opressão,
Voz que denuncia preconceito,
Em busca de transformação,
Por mundo mais justo e perfeito.

Que a melodia da palavra ecoe,
Em cada canto do universo,
A construir futuro que soe,
Harmonia, amor e verso.

Que a diferença seja orquestra,
Em concerto de inclusão,
Em que cada alma se liberta,
Na sinfonia da união.



O Tempo

Josias José da Silva Júnior

O tempo se fez na história trazida nos
Negreiros

Ancestralidade dos pretos, embarcados
nos Tumbeiros

Está nas memórias marcadas, mesmo não
contadas

Nas caminhadas aos Quilombos, vivendo
nos guetos

Vinham de todas as idades.

Em todas as luas, nas fases

O tempo se perdia nas barcas

Se sentia no peso dos corpos, nas marcas

Faz o preto voltar

Faz esse povo se ver

Se reconhecer

Se representar

Hoje se move nas emoções

Na música, na voz, nos refrões,

Nos espetáculos, nas ilusões.

Expresso na medição das ações de nós
pretos e dos outros

O tempo que para

Voa, flui quando não se quer e se não se
der

Para intenso no amor e respeito

Para na imensa dor que não passa no peito

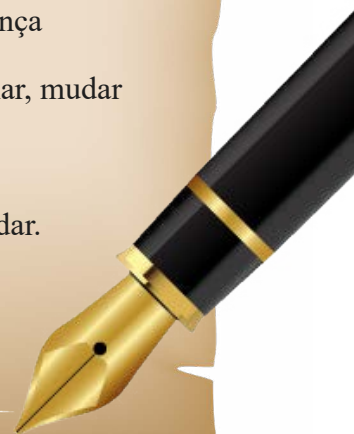
Para esse povo, o tempo é experiência se
olhado, legado

O tempo que não cansa, esperança

Esperançar em tempo de se olhar, mudar

Para-se para se contemplar

É tempo de ver esse tempo mudar.



(des) Encanto?

Rita Ramos

O dia não é sem a noite, a noite não há
sem o dia,
Para engendrar um inteiro, não basta
sobejar a utopia
Exige-se atar claro e escuro e ver o azul
do céu ecoar no mar
Unir então o dourado do sol e o prateado
a da lua
Crer que para existir o branco é preciso o
arco-íris.

Humanos complexos, estrondam tons da
pluralidade,
Rancores e dores, distâncias tão próximas
de (in)felicidades
Testemunham múltiplas sequelas no
caos, casos de medo
Que mantêm sem vontade,
os efeitos (im)perfeitos
Quebram ou afastam os duros hiatos e
cacos de verdade
Da frágil beleza, da mesa(?) mascarada na
ausência sem cura.
Assim, determina a frieza, que em tantos
corações perdura
Olhares gelados, gestos falantes,
tijolos presentes no muro
Que promove a (in)diferença
e deixa a vida tão dura!

Nós, ó homens modernos, letrados
de tanto espanto
Enquanto atiramos flechas sem volta,
sem rima, sem lira
Exauridos em relacionamentos,
feito chuva que só passa,
Concebemos na vida o (des)encanto

sonhado na teoria...
Não semeamos o engajamento, que
precisa ser ponderado,
Que só inclui se excluir, ou seria mesmo o
contrário?

Enquanto lustramos o esmalte frágil da
bolha
(Na qual vivemos sendo seres quase
distópicos,)
Seu brilho cega e emudece a discursada
humanidade
Alimenta a intolerância e o preconceito,
tirando a voz
De quem reparte espaço mental, lutando
por sua cultura,
Vive inquietações, sentindo na pele o
peso real da mistura...
Nossa parte, é florescer vidas-vozes-artes
nesse espaço real
Chamado nos devaneios, pelos poetas
passados, de sociedade!

Teorizamos dignidade desconhecida
e relativizamos integração,
Oferecemos solução a todos, engajamento
e canção... mas,
Sem um esforço pleno de todos,
mutilamos a inclusão!
É preciso viver e sentir e com os olhos,
aos berros, dizer:
“A cada degrau da escada, descortinamos
o de cima e o do lado,
Ao subirmos juntos, atrás ficarão as
pegadas, desenhadas na alma
E assim derrotar a intolerância
e incompreensão.”

Jogo da vida

Paula Andreia Dias Domingues

Não esperar, ousar tentar,
em qualquer dia, hora ou lugar.
Acreditar é fazer acontecer!

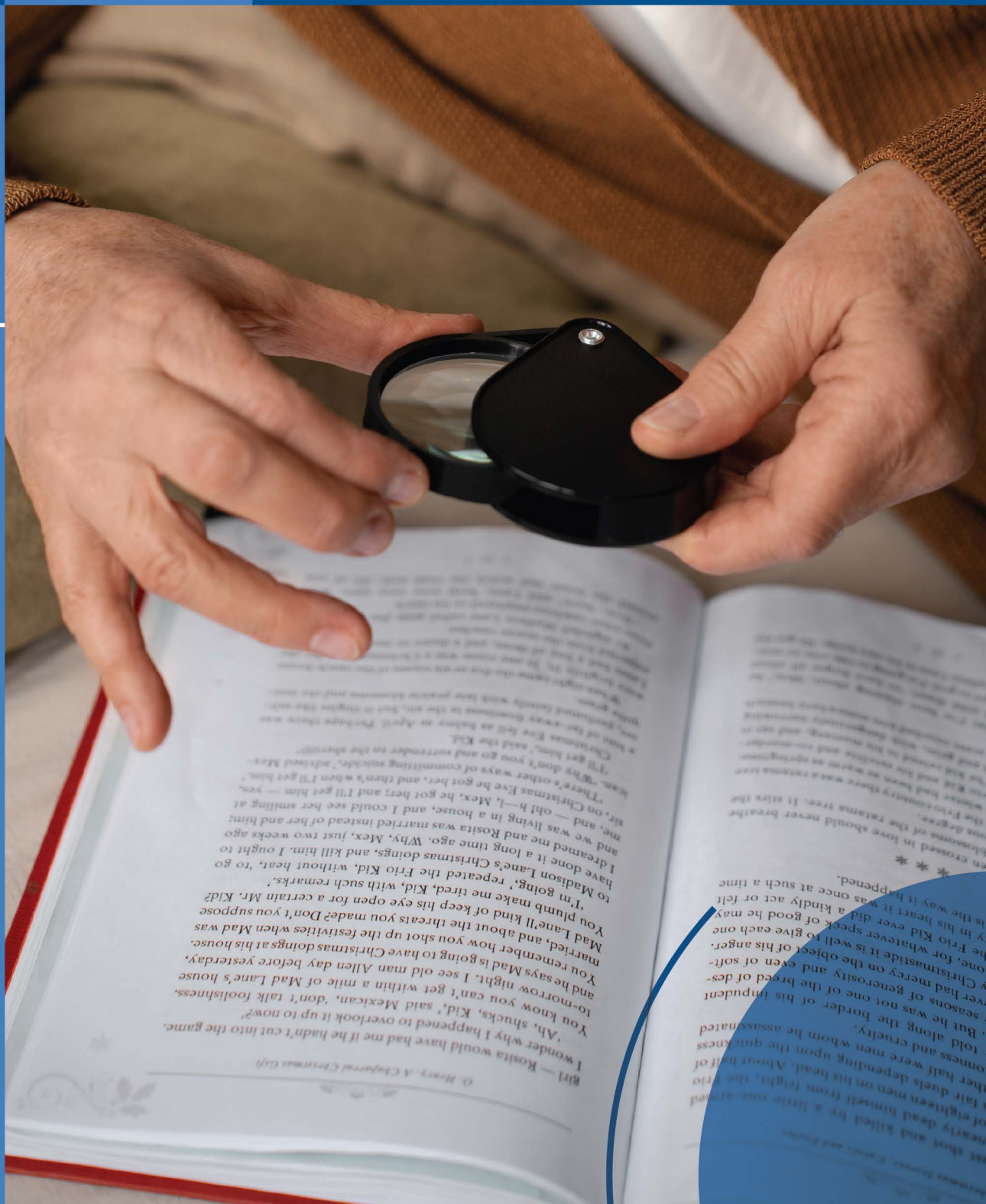
Ser forte para enfrentar,
fazer o jogo, a vida, transformar!
Atitudes? Farão vencer!

Perder ou ganhar?
Ser forte para aceitar!
O mais importante é aprender!

E nesse jogo, ser a estrela!
A vida não é ensaio nem brincadeira.
Acordar é não deixar a oportunidade se perder.
Acreditar é saber que se pode alcançar!

E lembrar-se que nem mesmo a Lua
em sua magnífica beleza,
precisa de um corpo inteiro,
para o mundo todo iluminar!

SEÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS



A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA SOBRE A MORFOLOGIA FLUVIAL NA ILHA DE MOSQUEIRO, BELÉM-PA

Cauã Oliveira Lima¹

Bruno Eduardo de Oliveira Gomes²

Erik Mendonça Silva³

Rita Denize de Oliveira⁴

RESUMO

A Ilha de Mosqueiro está localizada no município de Belém-PA, integrando o terceiro setor da Zona Costeira Paraense, denominado Continental Estuarino, sendo a maior ilha deste setor. A pesquisa tem por objetivo analisar e difundir conhecimentos sobre a morfologia da ilha de Mosqueiro-PA com alunos do 7º ano de uma escola de ensino regular, localizada nessa porção insular do município de Belém. A metodologia constou de revisão bibliográfica sobre a insularidade do município de Belém e a dinâmica da costa paraense, os conceitos de percepção ambiental e a apresentação de conteúdos regionais em livros didáticos nacionais e sua relação com as paisagens cotidianas de alunos da ilha, além de trabalho de campo e coleta de relatos sobre as vivências dos alunos-moradores da ilha. Dos principais resultados, destacou-se a inserção de conteúdos restritos às universidades, como os da disciplina de geomorfologia fluvial, que foram adequados à realidade dos alunos da ilha de Mosqueiro a partir de um aprofundamento do conteúdo de livros didáticos. Destacamos: a) o conteúdo do livro esteve adequado ao conteúdo da BNCC, com pouco alcance na descrição pelos discentes, sendo sugerida a pesquisa na construção, por meio da coleta de relatos, em discutir os processos de progradação (sedimentação) e retrogradação (erosão), formação de ilhas, gênese de falésias e impactos antropogênicos nas áreas flúvio-marinhas. A dinâmica constou da coleta de relatos a partir de sua percepção ambiental e vivências na ilha de Mosqueiro-PA, sendo descritos por eles como aprenderam sobre a formação de barras arenosas, subsidência de terreno, expansão de áreas de progradação (várzeas e mangues) e erosão de falésias que compõem o mosaico de paisagens da ilha.

Palavras-chave: Geomorfologia Fluvial; Ensino; Mosqueiro; Livros didáticos; Vivências.

¹ Graduando de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará

² Graduando de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará

³ Graduando de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará

⁴ Doutorado em Geografia e Docente da Universidade Federal do Pará

INTRODUÇÃO

As dinâmicas fluviais (erosão e deposição) podem atingir diferentes escalas, sendo elas locais ou regionais. Os rios que fazem parte da bacia amazônica são considerados jovens, e, por isso, apresentam uma dinâmica fluvial intensa. A partir disso, observamos os rios atuando na origem e modelagem do relevo, todavia, os rios da bacia de drenagem do rio Amazonas têm um diferencial de outros sistemas hidrológicos: os processos fluviais ocorrem de maneira rápida e abrangem grandes extensões de terra. Dessas dinâmicas surgem fenômenos como o de “terras caídas”, terminologia empregada por moradores ribeirinhos para indicar processos erosivos verticais nas margens dos rios, ocorrendo de forma mais intensa em rios de águas brancas (Alves, De Carvalho, Da Silva, 2022).

De acordo com Gonçalves, Cornetta e Alves (2016), a Grande Belém localiza-se na região estuarina, conformada pelo Estuário Guajarino, que integra o Golfão Marajoara, cujo ambiente fluvial é formado na confluência e predomínio do Estuário do rio Pará, rios Tocantins, Acará e Guamá, que abastecem baías e destacam uma vegetação de várzea de maré com predomínio de açaizeiros, aningas e espécies de mangue. O município é dividido em terrenos relacionados ao continente e à insularidade, ambos separados por furos, igarapés e rios. As maiores ilhas de Belém são Mosqueiro, Outeiro e Combu. São ilhas que estão na dinâmica costeira, que mantêm relação com as baías de Guajará, e Marajó, de Santo Antônio e do Sol.

As ilhas belenenses sofrem com a dinâmica de marés, apresentando extensa área de várzea, dominada por açaizais, aningais, manguezais, cipós e poucas árvores de grande porte, com sub-bosques relativamente fechados. Na historiografia nacional, as ilhas brasileiras desde o século XVI ao século XIX eram usadas como esconderijo de indígenas, escravos africanos e afrodescendentes fugitivos. Da Costa Tavares *et al.* (2007) relacionaram a ilha como um território estratégico da ocupação estrangeira no litoral paraense:

:

Na Ilha de Mosqueiro, os colonizadores se estabelecem nos terrenos altos, os ‘caris’ na língua indígena, próximos da enseada, onde dispunham de segurança para suas embarcações. Quando chegaram à ilha, os portugueses já encontraram os indígenas Tupinambás (os ‘filhos de Tupã’), que fugiram do Nordeste do Brasil após as invasões estrangeiras no litoral brasileiro.

A colonização portuguesa iniciou-se na insularidade da região litorânea do país, na Ilha de Vera Cruz-BA, usufruindo da morfologia costeira com a invasão sobre o território ao longo do litoral, desde planícies arenosas aos tabuleiros costeiros do Nordeste. Além disso, a colonização de exploração com as navegações estrangeiras em direção à Amazônia Atlântica, demarcando o território brasileiro com a permanência da grande influência portuguesa na Amazônia a partir do entendimento dos estudos geográficos, do conhecimento sobre a vegetação e os relevos do contexto regional equatorial para fins estratégicos, diante da invasão holandesa, bem como da compreensão das variedades de baías e rios na Amazônia, presente em dois contextos: costeiros e fluviais.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Essas ilhas, ou parte delas, eram concedidas em cartas e datas de sesmarias, ao longo dos três primeiros séculos, não foram ocupadas sistematicamente pelos sesmeiros. Durante esse período, as ilhas da Região Metropolitana de Belém foram utilizadas para o cultivo de cana-de-açúcar, cacau, arroz, urucum, baunilha etc. Outras se tornaram sede de olarias e engenhos (Gonçalves, Cornetta e Alves, 2016).

A Ilha de Mosqueiro está localizada ao norte da capital Belém e faz parte das 39 ilhas sob jurisdição da capital do estado. A ocupação da ilha é relacionada ao aumento da população paraense na parte continental, aos investimentos do primeiro ciclo da borracha, que ocorreram no final do século XIX, como: construção da Estrada de Ferro Bragança-EFB, criação de prédios públicos e a construção de estradas. Na passagem do século XIX para o XX, moradores belenenses passaram a valorizar a ilha como local de veraneio. O contexto insular de Mosqueiro é proveniente ao manejo de recursos, com atrativos terraços fluviais e planícies fluviais, que abrangem o setor primário da economia e cultura ribeirinha. Destacam-se, no comércio local, o camarão, o açaí, a farinha de mandioca, o tucupi e frutas como cupuaçu, uxi e outras (Gonçalves, Cornetta e Alves, 2016).

Ferreira e Fernandez (2018) relacionam o livro didático em várias realidades brasileiras protagonistas de uma cultura educativa, política, econômica. O livro remete-se a todas as etapas editoriais, desde a produção até a distribuição, sendo o principal protagonista como mediador pedagógico entre o professor e o aluno, transformando-se em um agente massificador influenciando nas práticas escolares e no cotidiano das pessoas. Na Amazônia, são feitas críticas quanto à simplificação dos conteúdos de morfologia fluvial, invisibilizando lugares e cotidianos, ou ainda descontextualizando outros ambientes, principalmente em tempos de constantes reformulações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O uso dos livros didáticos exclusivos de séries finais durante o ensino fundamental é essencial para contextualização das aulas de Geografia, principalmente no estudo de âmbito geomorfológico e no processo de produção da paisagem. Nos livros didáticos analisados, há pouca referência na importância dos rios e praias na Amazônia, ao passo que em outras regiões do país são mais abordadas e destacadas em detalhes. É importante instigar crianças e adolescentes da educação básica por meio da visualização e percepção de fatores naturais e sociais, através fotografias, mapas e criação de croquis em sala, condicionando a realidade de cada aluno.

A pesquisa centrou-se na adequação de conteúdos da geomorfologia fluvial e costeira na educação básica, com a utilização de livros didáticos de outra escola (privada) como referencial na aplicação de atividades em sala, devido a mais próxima adequação e exemplificação de conteúdos introdutórios sobre a paisagem, espaço e território. No entanto, os professores de Geografia, em muitos casos, dedicam horas descrevendo paisagens distantes que não refletem a vivência e o cotidiano dos ribeirinhos, como os ecossistemas de igapó, várzea e terra firme, impactos naturais e antrópicos, e os ecossistemas costeiros da mesma forma. Bem como a forma como o conteúdo é exposto nos livros didáticos e como ele é apreendido nos aspectos da insularidade, da relação ilha-escola.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

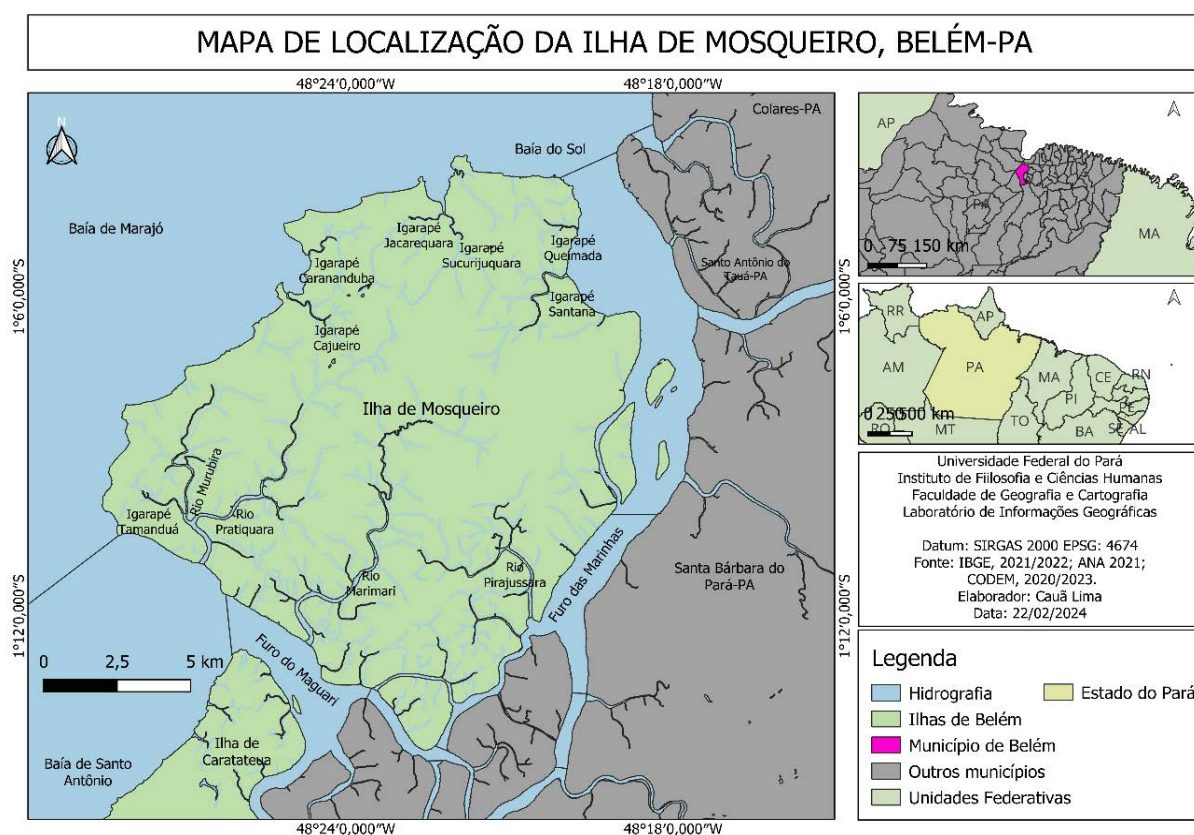
A pesquisa tem por objetivo analisar e difundir conhecimentos sobre a morfologia da ilha de Mosqueiro-PA com alunos do 7º ano de uma escola de ensino regular, localizada na ilha de Mosqueiro, porção insular do município de Belém, unificando informações sobre a morfologia fluvial da Ilha de Mosqueiro-PA, que pertence ao município de Belém, como proposta de metodologia para aplicação em sala de aula para alunos do Ensino Fundamental II.

MATERIAIS E MÉTODOS

Localização e caracterização da área de estudo

A Ilha de Mosqueiro está localizada na formação geológica do Grupo Barreiras, em terrenos do Terciário e Quaternário, com dois domínios fisiográficos: terraços aluviais e planície aluvial de inundação (Brasil, 2018). Na porção oriental da ilha, permanece o domínio da Geomorfologia Costeira, com os registros de restingas e falésias ao longo da planície arenosa. Porém, a morfologia fluvial transparece por toda ilha com a relação rio-baía e domínios fluviais através das várzeas, igapós e igarapés na Amazônia insular, característico da Bacia Amazônica com formação de terrenos recentes (Figura 1).

Figura 1. Mapa de localização da área de estudo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

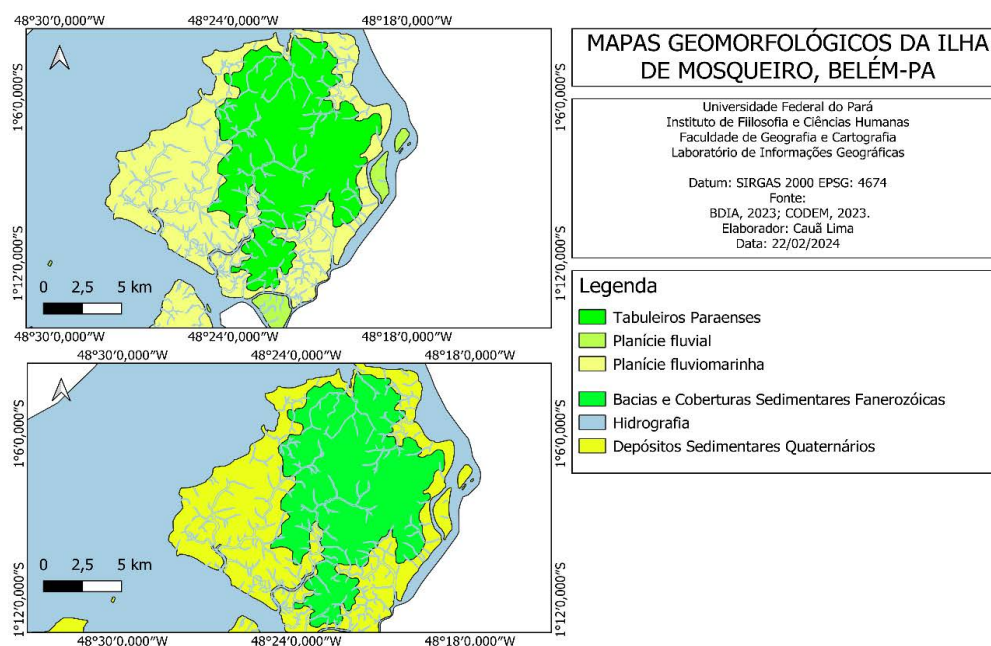
DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

A figura 1 representa uma continuação de terrenos insulares do estuário do rio Pará, com formação recente na costa, distribuída em planícies flúvio-marinhas, arenosas e lamosas, que respectivamente formam restingas e mangues, demarcando e entrando em dualidade com uma vegetação de transição mais densa, mais relacionada aos tabuleiros e que se distribui diante da insularidade de Mosqueiro.

Nesse contexto, a dualidade entre diversos ambientes progride para uma costa mais diversa, nos pontos mais altos de terrenos antigos surgem rios de primeira ordem, que se acumulam e resultam em igarapés, dando notoriedade aos furos e rios da região. As aulas foram aplicadas em uma escola de Ensino Fundamental, na Ilha de Mosqueiro.

Os mapas são essenciais em sala de aula, na distribuição de informações e formação dos alunos, aderindo à própria realidade. Nos livros didáticos, as informações estão em escalas maiores, compreendendo uma Amazônia mais ligada aos ambientes de floresta, mais ao continente, e pouco relacionada a costa atlântica.

Figura 2. Mapa geomorfológico do município de Belém-PA.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Há predomínio do litoral de mangues e rias (vales fluviais afogados pelo mar), formando planícies aluviais e flúvio-marinhas, com o deslocamento de sedimentos que saem de terrenos mais antigos, relacionados aos tabuleiros paraenses. Esses sedimentos são transportados pela dinâmica fluvial (Figura 2), não apenas pelos rios, igarapés e furos da própria ilha, como também pelos municípios próximos.

Procedimentos metodológicos

A área de estudo é uma instituição pública localizada na ilha de Mosqueiro e atua na educação infantil e fundamental. Um aspecto interessante é que há carência de instituições de ensino, principalmente no Ensino Médio. Além disso, as ilhas são espaços de êxodo rural em função de limitações no acesso a serviços básicos, como educação, saúde, energia elétrica e sistema bancário. Gutemberg (2015) excepciona as três ilhas Mosqueiro, Caratateua e Cotijuba pela grande parcela de terras firmes de topografia privilegiada, que as tornam alvo de processos de especulação imobiliária.

Nos procedimentos metodológicos, foi desenvolvido um levantamento bibliográfico sobre a caracterização da área de estudo e levantadas referências a partir da Geomorfologia Fluvial e Costeira da Ilha de Mosqueiro, com apoio teórico nos conceitos que envolvem o ensino de geomorfologia numa região insular de Belém (França *et al.*, 2022; Silva, 2023). Além disso, buscou-se informações nos livros didáticos do ensino fundamental de outra instituição e em abordagens sobre o assunto lecionado em sala de aula para análise comparativa.

Na pesquisa, utilizou-se o quadro branco para a retomada das informações, por meio da escrita e de desenhos ao longo da apresentação. Os desenhos foram correlacionados a aspectos da paisagem de diversos ambientes de Mosqueiro, direcionados a planícies arenosas, lamosas, aluviais e de terra firme, resultando na descrição da interação dos aspectos geomorfológicos aluviais e costeiros com a Ilha de Mosqueiro, com associação às vegetações típicas de várzea de maré, dialogando com o conteúdo relacionado à Geomorfologia em séries finais do fundamental e com a realidade dos alunos que moram em áreas distantes do centro urbano, com adequação na coleta de relatos e no acesso dos alunos às reportagens de jornais e a informações de mídias de massa, como televisão e rádio.

A coleta de dados e idealização da pesquisa partiu da disciplina de Geomorfologia, da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, questionando sobre a dinâmica flúvio-marinha, confrontada com notícias de jornais e a experiência dos alunos que vivem na ilha. Os relatos e vivências dos alunos foram contados em sala, posteriormente às explicações introdutórias e específicas sobre geomorfologia, no quadro branco, com uso de mapas e croquis. A cartografia foi confeccionada no Laboratório de Informações Geográficas-LAIG, localizado na Universidade Federal do Pará, utilizando-se do software QGIS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensino de geografia com inserção da geomorfologia fluvial e costeira: um diálogo à educação inclusiva e ambiental

A geografia escolar apresenta práticas históricas que a tornam ineficaz na construção do aluno-cidadão crítico e transformador: excesso de descrição, memorização e conteúdo descontextualizado da realidade do aluno para a apropriação dos conceitos.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

O aluno poderá, em um ensino orientado pela meta de formação de conceitos, adquirir ferramentas intelectuais que lhe permitem compreender a realidade na sua complexidade, contradições, com base na análise de sua forma/conteúdo e de sua historicidade. Compreendendo seu lugar e os territórios formados em suas proximidades, como uma espacialidade, o aluno terá a convicção de que aprender elementos do espaço é importante para compreender o mundo e se colocar como sujeito de conhecimento (Cavalcanti, 2011)

No caso específico da ilha de Mosqueiro, é essencial a consciência dos alunos que integram o domínio amazônico, sendo necessária a compreensão da dinâmica das águas no cotidiano e a importância de assimilar boas práticas para a sustentabilidade local. O artigo de Eidorfe Moreira e a obra *O aspecto insular de Belém*, de Gutemberg (2015), fortalecem as especificidades da porção insular de Belém, dialogando com *Juventude ribeirinha: identidade e cotidiano* (Freire, 2002) e ressaltando a funcionalidade e especificidades das ilhas de Belém na formação escolar, que deve privilegiar a interação com o ambiente amazônico a partir de aulas teórico-práticas construídas com base em situacionalidades do próprio local, preparando o estudante para uma vida nesses espaços, ao invés de estimulá-lo a entrar no processo de urbanização que descaracteriza o estilo de vida ribeirinho. No entanto, Oliveira, Silva e Gonçalves (2020) valorizam o papel do trabalho de campo na compreensão da realidade mais próxima do aluno, pouco visto em livros didáticos.

Durante a intervenção na escola, observou-se poucos recursos pedagógicos e a ausência de livros didáticos que poderiam favorecer a interação da Geomorfologia Fluvial e Costeira com a realidade dos alunos.

No livro **A**, direcionado às turmas do 7º ano e produzido por um grupo educacional privado, esclareceram-se dúvidas dos conteúdos relacionados à geomorfologia, especificamente capítulo 5, módulo 7, que apresentou conhecimentos sobre as paisagens naturais do Brasil e suas formas, com o estudo direcionado ao conhecimento do relevo e suas características, como planícies, planaltos e depressões.

Observou-se a introdução à geomorfologia, que, nos livros didáticos, se apropria do conceito de paisagem de forma mais técnica e, até mesmo, de forma estática, negligenciando impactos gerados pelas ações naturais, como também, a ação do homem como agente geológico na modelagem do relevo. Dessa forma, tratou-se na aula expositiva fatores endógenos e exógenos que afetam as formas de relevo locais e regionais.

O capítulo do livro **B** disponibilizou mapas que facilitaram a aprendizagem sobre as formas de relevo por meio de paisagens, caracterizadas pela geodiversidade do país e explicadas individualmente no capítulo 5. O livro valorizou as legendas dos mapas e, assim, possibilitou à turma compreender, didática e acessível, os conceitos de planaltos, planícies e depressões.

A seleção de textos didáticos e de fácil compreensão sugeriu atividades que estimulam a assimilação dos conteúdos. Consequentemente, ocorreu uma facilitação do processo de ensino-aprendizagem, o uso dos mapas e imagens sobre a composição das paisagens naturais do Brasil e suas

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

formas de relevo favoreceu seu conhecimento e suas características. No entanto, observou-se que as escalas taxonômicas se apresentaram em níveis globais e regionais e com conceitos não adequados à ciência geográfica.

A principal forma de distinção das paisagens foi o conceito de bioma na cobertura vegetal no globo. Os diferentes tipos de florestas (equatoriais, tropicais, florestas subtropicais, temperadas e boreais) apresentam como principais características as variações de temperatura, além de grande diversidade vegetal e animal. Outro ponto de destaque são as formações arbustivas como características próximas às savanas e vegetação mediterrânea. Destaca-se a vegetação rasteira, na qual o livro explica que predominam árvores de pequeno porte, como nas estepes, tundra e vegetação de altitude.

A importância da cartografia na obra foi um dos pontos fortes, mapas sobre as unidades de paisagens brasileiras e a discussão sobre biomas mundiais alcançando até a descrição de áreas polares. Observa-se, contudo, que o capítulo deixou uma lacuna no que diz respeito a um conteúdo contextualizado. Sabe-se que milhões de brasileiros residem nas áreas costeiras, e na Amazônia, a interação entre oceano e rio é predominante, compondo áreas ricas em estuários, baías, furos, igarapés, paranás e unidades erosivas como falésias e deposicionais como ilhas e barras arenosas, que funcionam como praias. Essa porção representativa do território é insular e costeira, proporcionando ambientes que são fontes da sobrevivência dos ribeirinhos por meio da pesca, extrativismo, circulação e identidade. Atualmente, esses ambientes são os mais impactados pela falta de saneamento básico, turismo desordenado e projetos agrominerais (Quadro 1).

Quadro 1. Síntese analítica sobre as ferramentas utilizadas pelo livro didático para compreensão das paisagens brasileiras.

Itens analisados	Descrição e sugestões
Conteúdos e alinhamento com a BNCC	Todos os capítulos revistos obedecem à BNCC na perspectiva do estudo da paisagem, mas relacionado à geomorfologia, é notável a preocupação com a conexão aos aspectos da geologia, ou seja, à gênese das formas.
Adequação dos mapas	A cobertura vegetal e as unidades geomorfológicas
Adequação de figuras	De forma divertida e animada, para melhor compreensão do aluno, o livro busca, através de charges, articular o tema do desenvolvimento sustentável e o seu antônimo, o consumismo e a valorização da educação ambiental.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Itens analisados	Descrição e sugestões
Sugestão de outras atividades	A escola é próxima à praia, portanto as atividades extracurriculares, como a participação do aluno em trabalho de campo em ambientes flúvio-marinhos, auxiliam nas avaliações do próprio professor de Geografia, após a base teórica em sala. Além disso, a utilização de rodas de conversas com amostras de imagens de paisagens costeiras e aluviais, pedindo para cada aluno descrever o que percebeu, se a familiaridade com a localidade corresponde a localidades onde os mesmos passaram as férias, atribui-se a uma realidade de ilha da Amazônia
Sugestão de material filmes e desenhos de animação	<i>O Show da Luna</i> , episódio “Da onde vem a água dos rios?” (T5, E4, 2013). <i>Rio 2</i> (2014)
Acesso a sites de órgãos públicos ou documentos oficiais	Os sites geralmente mostram o Brasil (regional) e abordam desigualdades regionais. O site preferencial é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Contextualização região e áreas insulares	O livro didático considera muito o ambiente de terra firme com planaltos e depressões, solos do tipo Latossolos e Argissolos de baixa fertilidade e florestas equatoriais tratadas de forma genérica. Já a região insular não é contextualizada.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

O Quadro 1 apresenta metodologias que podem ser aplicadas em sala com diversos itens, como: a utilização de mapas, acesso de sites com georreferenciamentos, livros didáticos, filmes e figuras de paisagens cotidianas.

Dos principais conceitos, observa-se uma lacuna no livro didático quanto à compreensão da zona costeira: dinâmica das marés, progradação e retrogradação; ventos; baías, estuários, furos, paranás, igarapés, falésias e plataforma de abrasão, processos de erosão e sedimentação e formas associadas. Além das dinâmicas da natureza, destaca-se a formação socioespacial das ilhas vinculada aos povos originários, propiciando um mosaico de saberes e fazeres (Quadro 2). Na pesquisa de campo foram identificados vários ambientes, como furos, planícies lamosas, área de várzea e igarapés (Figuras 3, 4, 7 e 8), que funcionam como excelentes exemplos de geomorfologia do cotidiano.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Quadro 02. Conceitos que podem ser trabalhados em geografia na região das ilhas na dinâmica de percepção ambiental.

Conceitos chaves	Descrição e relação com cotidiano
Baía	De Marajó, de Santo Antônio e a Baía do Sol – três baías que recebem águas de furos, rios e igarapés ao longo do recorte, destacando-se a baía de Marajó com maiores profundidades, mais dinâmica e tensa diante da conformidade da maré, com navegabilidade mais segura para pequenas embarcações. Já as baías de Santo Antônio e do Sol são mais rasas, com facilidade em “quebra” de maré por conta de cordões arenosos.
Estuário	Do rio Pará: influência de um rio sobre a dinâmica da maré, resultando em áreas de várzea de maré com algumas áreas de mangues e rias, alimentado por furos e igarapés, até chegar na foz do estuário com águas salobras. Diferentemente do delta, em que o rio se espalha e passa por ilhas, desaguando também no mar, por fatores geológicos.
Furo	Das Marinhas, do Maguari – são mais rasantes em relação aos rios, condicionados principalmente à dinâmica da maré, desaguando em baías rasas e possuindo fácil navegabilidade para pequenas embarcações. Estão sempre sujeitos à construção de pontes, travessia de balsas e outras formas de degradação ambiental, como construção de casas em solos vulneráveis à erosão diante de sedimentação recente nas planícies de furos.
Paraná	São braços de rios que se separam em torno de ilhas.
Igarapé	Permanece um ambiente aluvial não tão complexo quanto o rio, submetido a um mecanismo de formação de um rio, com inúmeros igarapés nas proximidades, com fácil navegabilidade e pontos estratégicos para retirada de siris e peixes.
Formas erosivas	A erosão na costa está mais associada à ação do homem, como a construção de casas e restaurantes, o nivelamento asfáltico sobre falésias e outras formas que recuam a costa, além da ação da maré sobre o continente.
Formas deposicionais	O transporte de sedimentos dos tabuleiros é direcionado aos igarapés, que se distribuem nos rios e furos, acumulando nas baías e planícies de maré.
Manguezal	Formação mais recente, não tão abundante no município, diante da versatilidade dos ambientes com outras espécies de várzea, proporcional à baixa salinidade na região em relação a outros municípios costeiros. Mesmo assim, há abundância em outros setores da costa paraense, como nos setores 2, 4 e 5.
Várzea	São áreas que sofrem inundações periódicas, com abundância de palmeiras, como o açai. Um exemplo é a várzea do igarapé do Tamandú (Figura 3)
Igapó	São áreas permanentemente alagadas com águas mais escuras devido à decomposição de material orgânico, principalmente em rios de primeira e segunda ordem.
Planície de inundação	Áreas localizadas às margens dos rios, com intensa conexão com o canal de drenagem, constituindo o leito maior e excepcional. Exemplo: planície de inundação do igarapé do Tamandú (Figura 3)
Platô	São áreas de baixos planaltos, neste caso desenvolvidas sob rochas sedimentares do grupo Barreiras.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Figura 3. Paisagem de várzea ao longo do igarapé do Tamanduá, próximo ao rio Murubira, Ilha de Mosqueiro, PA.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 4. Paisagem de planície aluvial próxima ao igarapé Tamanduá, Ilha de Mosqueiro-PA

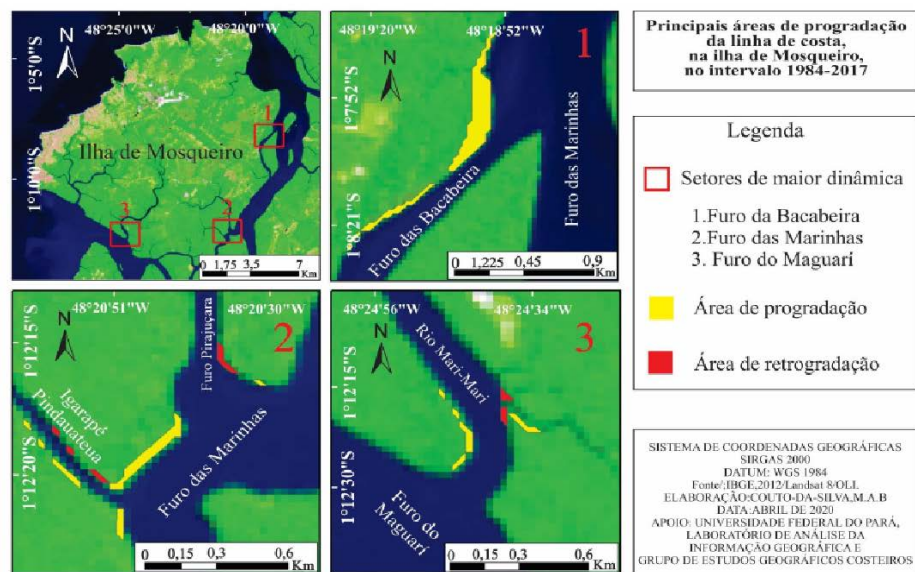


Fonte: Os autores (2023).

Apesar dos conceitos, em muitos casos desconhecidos pelos educandos, suas experiências e práticas lhes garantiam a compreensão do que se tratava e onde encontrar os termos e elementos apresentados. Outra temática, avaliada na dinâmica, esteve relacionada aos processos de erosão, transporte e sedimentação de sedimentos.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Figura 5. Áreas de progradação e retrogradação, Ilha de Mosqueiro, Belém-PA



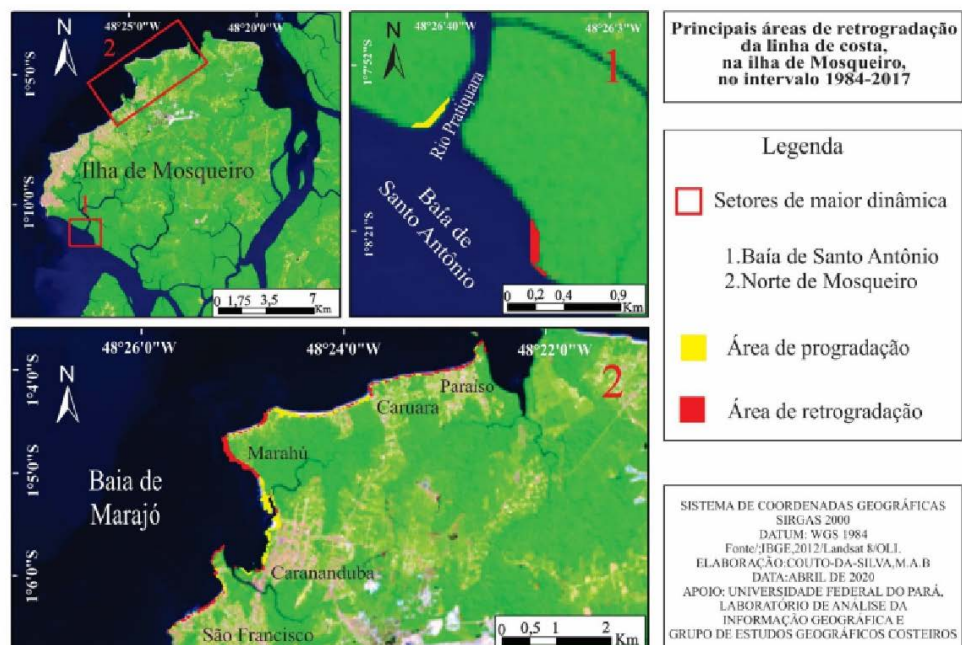
Principais áreas de progradação da linha de costa, na ilha de Mosqueiro, no intervalo 1984-2017

- Furo da Bacabeira, porção leste da ilha, total de $109.077,27 \text{ m}^2 \pm 558,9 \text{ m}^2$, com taxa de $3.305,38 \text{ m}^2/\text{ano}$
- Porção sudeste, entre o furo Pirajucara e igarapé Findauteua, total de $28.597,31 \text{ m}^2 \pm 558,9 \text{ m}^2$, com taxa de $866,39 \text{ m}^2/\text{ano}$
- Porção sudoeste, no furo do Maguari próximo da desembocadura do rio Mari-Mari, total de $11.317,96 \text{ m}^2 \pm 558,9 \text{ m}^2$, com taxa de $342,97 \text{ m}^2/\text{ano}$ (SILVA, 2018).

Fonte: Couto da Silva (2022).

Nas figuras 5 e 6, observamos na carta-imagem setores da Ilha de Mosqueiro em que predominam setores de progradação, o que ratifica essa empiria dos alunos. Em outras palavras, vários setores da ilha estão sendo acrescidos, conforme a legenda do mapa, que demonstrava setores em verde, bem expressivos, como no Furo da Bacabeira (Couto da Silva, 2022).

Figura 6. Principais áreas de progradação e retrogradação da ilha de Mosqueiro, PA.



Fonte: Couto da Silva (2022).

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Figura 7. Reportagem do G1 sobre o aparecimento de ilha abaixo da ponte Sebastião de Oliveira, Ilha de Mosqueiro, PA.

g1

Ilha com vegetação de mangue 'nasce' debaixo de ponte em Mosqueiro, distrito de Belém

"Nova ilha" se estende por pelo menos 200 metros da ponte a partir do meio da estrutura, no Furo das Marinhas. Vegetação está tão desenvolvida que alcança o muro de proteção da ponte.

Por Arthur Sebrá, g1 Pará — Belém
27/10/2021 06h00 - Atualizado há um ano



Ponte Sebastião de Oliveira que dá acesso ao distrito de Mosqueiro, em Belém, Pará. — Foto: Instagram/Imagem Sobre Turismo/Reprodução

Quem passa pela ponte Sebastião de Oliveira para chegar ao distrito de Mosqueiro, em **Belém**, percebe que um banco de areia se formou na zona central do furo das Marinhas. A vegetação está tão desenvolvida que alcança o muro de proteção da ponte.

Nas últimas semanas, o surgimento da ilha gerou comentários e questionamentos de moradores e visitantes do distrito em redes sociais. A "nova ilha" se estende por pelo menos 200 metros da ponte a partir do meio da estrutura, no Furo das Marinhas.

No entanto, de acordo com a professora aposentada da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Carmena Ferreira de França, o desenvolvimento dessa barra arenosa acontece há pelo menos dez anos.

"Trata-se de um processo de sedimentação arenosa, favorecida pelo fluxo das correntes de maré, ao longo dos anos. Hoje, a partir da colonização vegetal, a barra se transforma em ilha porque a vegetação controla o trânsito sedimentar", explica.

"Há cerca de dois anos, a barra começou a ser colonizada por vegetação de mangue. No início da colonização vegetal, havia apenas plantas herbáceas. Depois, as herbáceas passaram a dar lugar às árvores que ora despontam acima da altura da ponte", completa Carmena.

Com a vegetação mais robusta, a estabilização da barra arenosa foi consolidada e de forma gradativa vai se transformando em ilha com cobertura vegetal de mangue.

Quanto aos possíveis danos que possam vir acontecer com a ponte devido ao crescimento do banco de areia e da vegetação, Carmena explica que a vegetação é agente de intemperismo, são capazes de transformar física e quimicamente rochas e materiais de origem antrópica, por isso é preciso realizar um estudo detalhado para saber os efeitos sobre a estrutura da ponte.

"Ao mesmo tempo, a presença da ilha e da vegetação sobre a ilha pode exercer uma função protetora dos pilares da ponte diante das correntes de maré", finaliza.

"No momento, a ilha tende a aumentar de extensão ou em área e tende também a aumentar a densidade vegetal. Não há, no momento, indicadores de erosão da ilha", analisa a professora.

Fonte: G1 Pará, 2021.

Dessa forma, na coleta dos relatos em sala de aula, os discentes questionaram muito sobre o aparecimento de uma ilha sob a ponte Sebastião de Oliveira, colonizada pela vegetação de mangue. Para a discussão em sala, utilizamos a reportagem apresentada pelo G1, intitulada *"Ilha com vegetação de mangue nasce debaixo de ponte em Mosqueiro, distrito de Belém"*. Segundo a reportagem, a ilha se estende por 200 metros da ponte, a partir do meio da estrutura, no Furo das Marinhas (Figura 5). Ao contrário do que se pensa, não aconteceu rapidamente, mas vem ocorrendo há pelo menos dez anos. Segundo pesquisas, trata-se, na verdade, do resultado do processo de sedimentação, e posteriormente, da formação da barra arenosa, que, com a colonização da vegetação de mangue, transformou-se em uma ilha pelo controle e redirecionamento das correntes (Figura 7).

É possível observar, na Figura 8, uma das áreas mais atingidas pela erosão da ilha de Mosqueiro: o setor da Praia do Marahú, sendo uma das principais áreas afetadas, alcançando 800 m. Os moradores criaram medidas paliativas para contenção dos processos erosivos, como a utilização de sacos de areia. Também são identificados setores afetados nas praias de Grande, Paraíso e Bispo. A situação torna-se mais crítica durante os meses de marés de sizígia, causando grandes prejuízos aos comerciantes locais, conforme informações coletadas em reportagem digital.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Figura 8. Reportagem do Jornal O Liberal cita a praia do Marahú, na ilha de Mosqueiro-PA, como uma das mais atingidas pela erosão costeira.



Fonte: O Liberal (2023).

Outro aspecto coletado a partir dos relatos dos discentes foi a degradação antrópica sobre a cobertura vegetal da ilha, como o desmatamento e os impactos sobre a biodiversidade. O principal agente desse processo é o homem, através da derrubada da vegetação ciliar para implementar empreendimentos, como a agropecuária e a extração de recursos naturais, o que tem ocasionado, entre diversos problemas, a diminuição da umidade e dos índices de chuva, bem como o agravamento dos sulcos, ravinas e voçorocas, que causam o assoreamento dos igarapés. A imagem no rio Murubira demonstra a quantidade de sedimentos presentes, que alteraram a coloração das águas e a concentração de sedimentos depositados no leito.

A respeito da transformação do espaço geográfico, o livro busca abordar, num primeiro momento, as mudanças no espaço em decorrência da urbanização, dentre os produtos dessa urbanização. No caso específico da Ilha de Mosqueiro, observou-se os impactos da ocupação da orla por casas, bares e restaurantes, em muitos casos, diretamente sobre as falésias, causando agravamento nos processos erosivos e bloqueando até mesmo vias de circulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que, nos livros obtidos pelos alunos da escola em Mosqueiro, não havia assuntos relacionados à Geomorfologia Fluvial, mesmo que o público esteja presente neste contexto. Desse modo, há uma crítica ao modo como os livros didáticos são compostos, pois uma temática tão relevante e pertinente às populações das ilhas que cercam Belém, não está sendo debatida em sala de aula. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, destaca que o aprendizado deve ser feito sob o contexto de vivência da pessoa que está aprendendo, já que gera ao aluno, além da melhor forma de aprender - porque está habituado ao contexto – a possibilidade de mudar a sua realidade.

Dessa forma, caso houvesse a presença de estudos, dentro dos livros didáticos, sobre a geomorfologia fluvial e costeira dos alunos, os alunos poderiam se interessar por questões pertinentes em suas vidas e gerar indagações, para posteriormente solucionar estas problemáticas, fortalecendo o seu contexto de vida. Conclui-se que a ação antrópica contribui no aumento de processos de erosão, algo notável na maior ilha belenense, diante do avanço de casas em cordões praias, residências e ruas sobre falésias, bem como da utilização de rochas encontradas ao longo das praias, que foram utilizadas na construção de casas.

As informações em sala foram correlacionadas com recursos externos, com livros didáticos de uma instituição particular, os quais foram referenciados na pesquisa. De início, os estudos de geomorfologia no Ensino Básico se aprofundam durante o Ensino Médio, enquanto no Ensino Fundamental ocorre o redimensionamento da compreensão da paisagem. Mas estudar a paisagem que não lhe convém, é esconder informações, negar vivências e contribuições em sala, dificultando a compreensão de forma espontânea e contribuindo de forma negativa para o baixo desempenho dos alunos. Nas sugestões, há a necessidade da integração escola-campo, ou seja, o deslocamento desses alunos para pontos mais próximos de ambientes costeiros ou aluviais para o entendimento e a compreensão da paisagem na própria ilha de moradia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, André Carvalho; DE CARVALHO, João Antônio Lima; DA SILVA, Gabriel Moreira. **Mudança recente no leito do Rio Solimões à montante da confluência com o rio Negro, Amazonas.** *Caderno de Geografia*, v. 32, n. 71, p. 114-114, 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Panorama da erosão costeira no Brasil** [recurso eletrônico] / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Recursos Hídricos e Qualidade Ambiental, Departamento de Gestão Ambiental Territorial; Organização Dieter Muehe. Brasília, DF: MMA, 2018. p. 86.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico.** *Revista da ANPEGE*, v. 7, n. 1, número especial, out. 2011. p. 193-203.

COUTO DA SILVA, Maria Aparecida Barbosa. **Ilha de Mosqueiro (Belém-PA). Dinâmica costeira através da análise de indicadores.** In: FRANÇA, Carmena Ferreira de; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva; ARAÚJO, Fernando Alves de (Org.). *Dinâmica costeira através da análise de indicadores: estudos de caso: ilhas de Mosqueiro e Cotijuba, Marajó e Ajuruteua (Brasil), Beira (Moçambique) e Santiago de Cuba.* Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2022. p. 182.

DA COSTA TAVARES, Maria Goretti; DOS SANTOS GOMES, Kátia; FREITAS DA COSTA, Maria Auxiliadora; DE OLIVEIRA RIBEIRO, Washington. **Turismo e desenvolvimento local em uma ilha fluvial na Região Metropolitana de Belém: o caso da ilha de Mosqueiro na Amazônia brasileira.** *Revista Universitaria de Geografía*, Universidad Nacional del Sur, Bahía Blanca, Argentina, v. 16, 2007, p. 125-145.

FERREIRA, Gisele; FERNANDEZ, Paulo. **A Amazônia no livro didático do ensino médio entre vazios e espaços em verdes.** In: TININI, Evaine Maria et al. (Org.). *Geografia e o livro didático para tecer leituras de mundo* (Ebook). São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 164-176.

FRANÇA, Carmena Ferreira de; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva; ARAÚJO, Fernando Alves de. **Dinâmica costeira através da análise de indicadores.** *Dinâmica costeira através da análise de indicadores: estudos de caso: ilhas de Mosqueiro e Cotijuba, Marajó e Ajuruteua (Brasil), Beira (Moçambique) e Santiago de Cuba.* Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2022. p. 182.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1974. 256 p.

GONÇALVES, André Cutrim; CORNETTA, Adalto; ALVES, Flávio; BARBOSA, Lúcia de Jesus Gomes. **Belém e Abaetetuba.** In: ALVES, Flávio (Org.). *A função socioambiental do patrimônio da União na Amazônia.* Brasília: IPEA, 2016. 359 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7511>. Acesso em: 24 fev. 2024.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

G1 PARÁ. **Ilha com vegetação de mangue ‘nasce’ debaixo de ponte em Mosqueiro, distrito de Belém.** Publicado por Arthur Sobral, *G1 Pará*, Belém, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/pa/para/noticia/2021/10/27/ilha-com-vegetacao-de-mangue-nasce-debaixo-da-ponte-de-mosqueiro-em-belem.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2023.

O LIBERAL. **Mosqueiro: ilha tem pelo menos quatro pontos críticos de erosão costeira, moradores são prejudicados.** *O Liberal.com*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/mosqueiro-ilha-tem-pelo-menos-quatro-pontos-criticos-de-erosao-costeira-moradores-sao-prejudicados-1.660035>. Acesso em: 12 jul. 2023.

OLIVEIRA, Ricardo Duarte de; SILVA, João Antônio Lima da; GONÇALVES, André Cutrim Oliveira. **Bases teóricas para a compreensão do trabalho de campo como metodologia de ensino da Geografia e Educação Ambiental.** *Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista*, v. 16, n. 4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17271/1980082716420202441>

SILVA, Cláudia Souza. **Dinâmica costeira da Orla Água Boa-São João, Ilha de Caratateua/PA: análise multitemporal da variabilidade de linha de costa (1985-2019) e indicadores dinâmicos atuais.** 2023. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

ANÁLISE DO ESPAÇO NARRATIVO EM “CRÔNICAS DE SÃO PAULO: UM OLHAR INDÍGENA”, DE DANIEL MUNDURUKU

Leticia Santana Stacciarini

RESUMO

A literatura de autoria indígena brasileira, surgida por volta da década de 1990, aflora em observância a questões estéticas, culturais e sociais, consistindo em um importante instrumento para a difusão de vozes indígenas. Vis também à desconstrução dos preconceitos disseminados ao longo de séculos, Daniel Munduruku - com mais de sessenta livros - além de professor, ativista, ator, colecionador de diversos prêmios nacionais e internacionais etc., destaca-se como um dos nomes de maior peso quanto à divulgação de costumes, conquistas, direitos, memórias, tradições e crenças dos povos originários. De sua autoria, para o estudo em tela, analisar-se-á o espaço narrativo em textos da obra *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. Esse recorte se dá por tratar-se de um livro plural, escrito em primeira pessoa e que situa, desde o título, a espacialidade - responsável por propiciar vivências, estimular ações, suscitar emoções e possibilitar a descoberta de outros modos de agir - onde os enredos acontecem.

Palavras-chave: Literatura de autoria indígena; Daniel Munduruku; Espaço narrativo.

Daniel Munduruku e algumas de suas incontáveis facetas

Na cidade de Belém do Pará, em 28 de fevereiro de 1964, nasceu Daniel Munduruku. Pertencente à etnia indígena munduruku, graduou-se em Filosofia, Psicologia e História, além de obter as titulações de mestre em Antropologia Social e de doutor em Educação, ambas pela Universidade de São Paulo (USP). É pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e atua como diretor-presidente do Instituto UK'A - Casa dos Saberes Ancestrais, uma organização sem fins lucrativos que objetiva difundir, por meio da literatura, as culturas indígenas.

Defende que as culturas locais recebam a referência adequada ao serem apropriadas de modo científico. Não apenas isso, mas é professor, militante político, membro da Academia de Letras de Lorena e, desde 2008, Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República. Dentre outros, fazem parte de seu currículo os seguintes prêmios: Érico Vanucci Mendes (CNPq), Tolerância (Unesco), Jabuti, e Melhor Livro Infantil (Academia Brasileira de Letras). Possui mais de sessenta obras - as quais abrangem mitos de criação, contos, fábulas - e viaja por diversos países para dialogar a respeito delas.

Munduruku utiliza do espaço da escrita para a divulgação de direitos, costumes, crenças, mitos, tradições, memórias e conquistas de povos originários. A natureza consiste em uma de suas principais temáticas. Responsável por ensinar, alimentar, acolher, hidratar e estimular, chama a atenção para o fato de que ela situa espaços transformadores da sociedade, como se observa em *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* - publicada, pela primeira vez, em 2004 - obra selecionada para o presente estudo.

Interpretando um pajé, ele atua no filme *Tainá 2 - A aventura continua* (2004). Em 2013, recebe honraria na categoria da Grã-Cruz (distinção oficial de maior importância concedida, no ramo da cultura, a um cidadão brasileiro). De sua autoria, *Sobre piolhos e outros afagos* (2005) propõe uma visão diferenciada entre o educador e o professor e tem sido referência, principalmente, em cursos de graduação. Embora se considere “muito mais um confessor dos [...] sonhos” (2010b, p. 22), Munduruku se declara feliz com a intitulação de “professor”, pois:

é aquele que possui conhecimentos e quer passá-los aos outros; o confessor de sonhos detém imagens e quer fazer com que elas cheguem mais longe. Talvez eu tenha construído essas imagens por meio de palavras, de meus livros, daquilo que considero um meio de comunicação muito forte: a palavra escrita (Munduruku, 2010b, p. 22).

Com o objetivo de retratar a verdadeira realidade do indígena brasileiro, o escritor se coloca contrário à desvalorização da literatura transferida de geração em geração (Melo, 2013, p. 139), referindo-se, inclusive, ao fato de ela ter sido esquecida pelo meio acadêmico ao longo da história. Por isso, relaciona o “grande interesse dos povos indígenas pelo ensino superior [...] com a aspiração coletiva de enfrentar as 110 condições de vida e marginalização” (Ferreira; Machado, 2019, p. 368), e enxerga os seus títulos como vestimentas impostas pelos espaços institucionais.

Em 2023, é contratado pela TV Globo com o intuito de dar consultoria a Walcyr Carrasco, autor da novela *Terra e Paixão*, bem como para atuar no papel do pajé Jurecê Guató - remanescente da etnia

guató - “um sábio, alguém capaz de visualizar o que vai acontecer, uma espécie de profeta e, ao mesmo tempo, alguém inserido no seu tempo, na sua sociedade, no mundo” (Nunes, 2023, p. 1).

Para escrever *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*, Munduruku caminha pela capital com um olhar atento, objetivando interpretar lugares, buscar significados, encontrar nomes indígenas etc., tal qual - a começar pela análise de determinadas crônicas da referida obra - tomar-se-á conhecimento. Cabe ressaltar que esses textos são selecionados com base na pluralidade de espaços significativos, os quais se apresentam como subsídios para o aprofundamento de interpretações diversas.

Nesse caminhar interpretativo, coloca-se que “as produções literárias ameríndias se inserem no movimento de uma *poética da alteridade*, característica das escritas migrantes, nas quais a experiência do espaço ocupa um lugar central” (Olivieri-Godet, 2017, p. 102, grifos da autora). Reflexões são advindas no sentido de questionarem os seus próprios lugares. Ademais, propõe-se “que o espaço seja definido como um conjunto [...] de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (Santos, 2006, p. 12), de modo indissociável.

Esse fato permitirá, sincronicamente, averiguar “o resultado conjunto dessa interação, como processo e como resultado, mas a partir de categorias susceptíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos” (Santos, 2006, p. 40), no caso em tela, a partir dos textos selecionados de *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*.

Análise do espaço em “Crônicas de São Paulo: um olhar indígena”

O referido livro já situa, desde o título, a espacialidade em que as narrativas acontecem. Escrito em primeira pessoa, o autor - que “saiu de uma aldeia lá nas beiras do Tapajós, rio de muitas vidas, rio de muitas águas [...] e chegou a Ocaguassu (palavra que significa aldeia grande, aldeia de muitas gentes): Sampa” (Krenak, 2010, p. 10) - reflete acerca de nomenclaturas indígenas dadas a lugares de São Paulo. Destina-se à cidade um olhar curioso, inovador, possibilitando às “crianças da cidade grande [...] um mundo de seres e de gente de todas as cores” (Krenak, 2010, p. 11), ou seja, leva histórias de povos indígenas a outros espaços.

Munduruku começa falando do porquê de não deixou a capital: “não consigo andar por São Paulo sem procurar significados. Se assim o fizesse já teria partido daqui e ido viver em lugares mais belos. Estranhamente ainda vejo beleza neste lugar” (Munduruku, 2010, p. 12). Isso se conecta ao entendimento de Santos (2006, p. 213) no que diz respeito à “necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados”. Para tanto, dentre as diversas crônicas que compõem o exemplar, selecionar-se-ão algumas com o propósito de observar o exposto acima e analisar os espaços literários disponibilizados.

Crônica “Tatuapé: o caminho do tatu”

Em um primeiro momento, reflete-se sobre a imponência do “tatu metálico”, isto é, o metrô: “uma das mais intrigantes invenções humanas” (Munduruku, 2010, p. 15). Talvez não seja necessariamente assim para os habitantes das cidades grandes, mas sim aos “povos da floresta”, habituados “com o canto dos pássaros ou com a paciência constante do rio que segue seu fluxo rumo ao mar” (Munduruku, 2010, p. 15), com “simplicidades” que o homem médio não está acostumado a valorizar. Avanços tecnológicos que, como esse,

constituem o espaço geográfico atual e são intencionalmente concebidos para o exercício de certas finalidades, intencionalmente fabricados e intencionalmente localizados. A ordem espacial assim resultante é, também, intencional. Frutos da ciência e da tecnologia, esses objetos técnicos buscam a exatidão funcional, aspirando, desse modo, a uma perfeição maior que a da própria natureza (Santos, 2006, p. 226).

Frente ao exposto, o escritor compartilha lembranças de sua chegada a São Paulo e de como ressignificou o olhar para objetos componentes da paisagem. Tendo em vista que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, ao buscar entender uma “nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista” (Santos, 2006, p. 213), pois o planeta é amplo e diverso.

O tatu da floresta, por exemplo, precisa correr para proteger-se dos predadores antes que se transforme em refeição, enquanto o “tatu da cidade [...] não pode servir de alimento, mas é usado como transporte, para a maioria das pessoas poder encontrar o seu próprio alimento” (Munduruku, 2010, p. 16). Realidades distintas, porém, cada qual com particularidades que não podem ser reduzidas.

No metrô, em direção a Tatuapé - “no tempo de antigamente, [...] era um lugar de caça ao tatu” - prédios são avistados e comparados a “árvores gigantes de concreto” (Munduruku, 2010, p. 16). O protagonista procura por sinais das civilizações que um dia ali ocuparam. Entretanto, com maior frequência, vê urubus (habitam principalmente cidades com precariedade de saneamento básico) e pombos (por não se alimentarem necessariamente como os pássaros comuns - sementes, frutas, insetos - procuram regiões também como pluralidade de descarte de lixo).

Em resumo, nada de tatu, nada da frondosa natureza que outrora “imperava nesse pedaço de São Paulo habitado por [...] Puris” (Munduruku, 2010, p. 16). Indígenas esses, a título de esclarecimento, que “viviam nas regiões úmidas de São Paulo, como a Mata Atlântica da Serra do Mar e o Vale do Paraíba. Seu território estendia-se por todo o vale, até o Rio de Janeiro” (Prezia, 2001, p. 20). Restara a saudade de um tempo que não voltaria a existir.

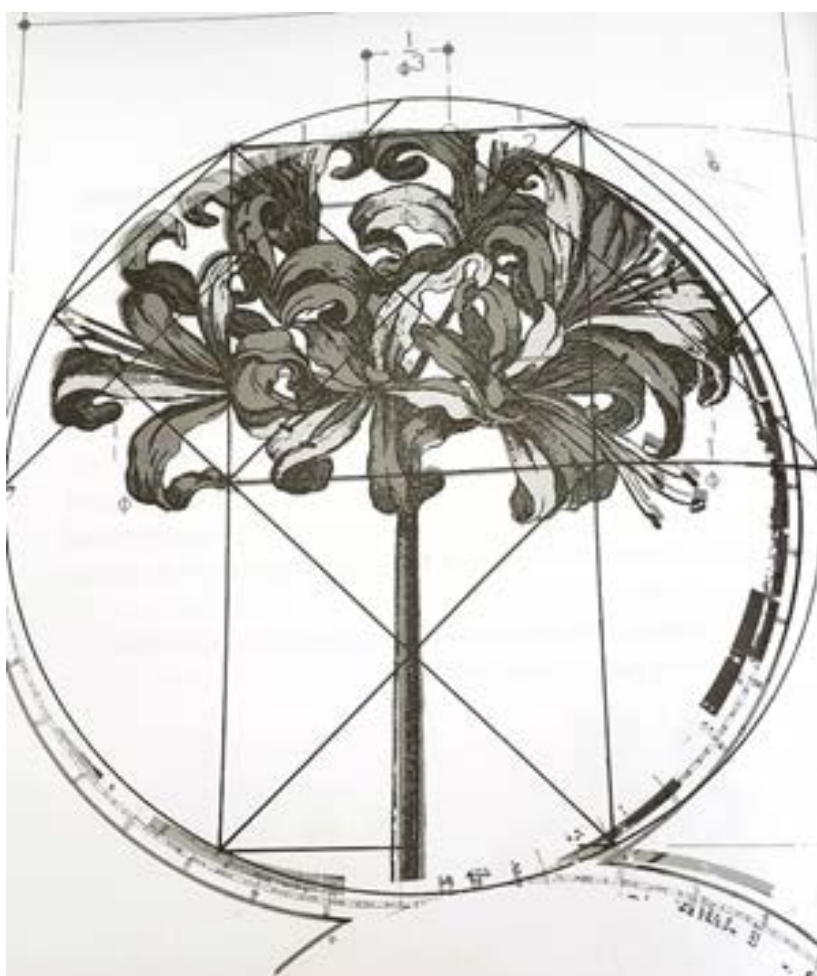
Crônica “Ibirapuera: lugar de árvores”

O autor anuncia o seu fascínio pelo Parque Ibirapuera, o qual se dá “pelo fato de ser um lugar circular, como uma autêntica aldeia indígena” (Munduruku, 2010, p. 23). Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e abrangendo aproximadamente 1.584.000 m², o espaço abriga - de acordo com o site

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

da Prefeitura de São Paulo - “incríveis 314 espécies de animais” e centenas de “destaques da flora” (Ibirapuera..., 2023, p. 1). Na abertura da crônica, o formato que o escritor descreve - “todos os seus cantos lembram nossa transitoriedade, nos ensinando que somos parte integrante do planeta e não seus donos” (Munduruku, 2010, p. 23) - é simbolizado por meio da ilustração de Camila Mesquita¹.

Figura 1 - Um lugar circular



Fonte: Camila Mesquita (2010, p. 22).

Um dos principais pontos do parque é o Lago Ibirapuera que, segundo Daniel Munduruku, “simboliza, ali, o velho avô que tudo ouve impassível e paciente, como a esperar que os netos, apressados pelos relógios e pelos corpos suados, sentem-se para ouvir histórias dos tempos antigos e aprendam com ele a sabedoria das águas” (2010, p. 23). A analogia tem a ver com o fato de o lago ser guarnecido de pistas de caminhadas, pelas quais as pessoas passam quase sempre afoitas.

¹ Bacharela em Design Digital e especialista em Animação, a ilustradora atua também com animações tradicionais e digitais, com vetorização e como *cosplayer*.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Cumprem as metas de exercício, mas não, necessariamente, apreciam a paisagem, interagem com os demais ou conseguem desconectar-se da urgência de suas rotinas — em outras palavras, correm “contra o tempo em vez de se aliar a ele” (Munduruku, 2010, p. 25). Em consonância ao apresentado anteriormente, é o que tende a acontecer em relação ao modo como os idosos são tratados na sociedade capitalista. A visita aos avós, por exemplo, parece um protocolo, o momento não é, realmente, aproveitado, mas sim consiste em uma espécie de “missão cumprida”.

Com posturas desse tipo, “os objetos [...] se apoderam do nosso cotidiano” e se “ontem [...] eram pouco numerosos, viviam em comunhão conosco e nos eram subordinados” (Santos, 2006, p. 141), hoje, rapidamente, eles se tornam obsoletos e dominam as ações do dia a dia. Mexer no celular, navegar pela *internet*, seguir as exigências de relógios e agendas, ao contrário de como acontece nas aldeias indígenas, está acima de quaisquer vivências.

Dentre os pensamentos, volta-se o olhar aos prédios construídos nos arredores e, mesmo reforçando a facilidade de se comunicar “com os espíritos da natureza” em vez de “entender o espírito do homem moderno” (Munduruku, 2010, p. 25), o protagonista enxerga uma espécie de equilíbrio entre as gerações a partir do modo como a cidade fora construída: “um lugar habitável para o espírito dos antepassados e ideal para o descanso do espírito do homem moderno” (Munduruku, 2010, p. 24). Trata-se do hibridismo do espaço geográfico, para além de outros fatores.

Crônica “Butantã: terra firme”

Após refrescar-se com os pés na represa de Guarapiranga — um reservatório localizado na Zona Sul de São Paulo, destinado ao abastecimento de água potável e também a atividades de lazer, como apreciação da natureza e prática de esportes — o protagonista resolve direcionar-se ao Butantã: “palavra tupi para terra firme, mais uma referência indígena a um lugar que há muito tempo certamente trazia segurança” (Munduruku, 2010, p. 37). Pensando nisso, começam as reflexões acerca do que “terra firme” pode significar. Segundo o escritor, trata-se da:

garantia de estar livre das surpresas que a natureza proporciona.

Lugar de parada.

Lugar de acampamento, livre dos olhares nem sempre amistosos dos inimigos.

Lugar do encontro, já que ninguém pode se encontrar com os outros se todos se tornarem alvos de possíveis ataques.

Lugar de cantos de danças rituais.

Lugar de gratidão.

Lugar de celebração.

Lugar de festejos e alegrias (Munduruku, 2010, p. 37).

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

A forma como ele deslinda as possibilidades de sentido exhibe traços poéticos. Por outro lado - a partir de uma definição objetiva - terra firme é toda a “parte sólida do globo terrestre, incluindo os continentes, as ilhas etc.” ou a “porção mais elevada de um terreno que não é atingida por inundações” (Michaelis..., 2021, p.1). Diante da pluralidade de elucidações, o entendimento de que o referido espaço “é muito mais do que simples oferta de caminhos, ainda que também seja isso” (Santos, 2006, p. 59) é reforçado.

Mais adiante, ao pensar no Butantã - muito embora tantos pensamentos plausíveis - o que mais prende o escritor é o “fato de ser um lugar onde as cobras têm sua morada” (Munduruku, 2010, p. 37), o que o faz assimilar o bairro como sendo um espaço do perigo e lembra que “a imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e a intensidade de medo no mundo dos homens” (Tuan, 2005, p. 11). Seu receio de cobras vem de uma experiência quase trágica da infância. Na oportunidade, o pai lhe explicara o perigo, inclusive, relacionando o episódio com a mitologia:

... estes répteis eram, num tempo muito antigo, os únicos donos da noite, e foi preciso usar de várias artimanhas para convencê-los a partilhar a noite com o nosso povo. Isso tornava as cobras seres mágicos, que sempre queriam uma oportunidade para tomar dos seres humanos a noite que antes lhes pertencera (Munduruku, 2010, p. 38).

Desde então, o que realmente acontece dentro do Butantã foi potencializado pela imaginação infantil. Mas isso também serviu para que ele se protegesse mais, “tomando todos os cuidados quando caminhava por caminhos menos conhecidos” (Munduruku, 2010, p. 39). Ao final, o protagonista reflete acerca do que o Butantã e o Ibirapuera significam por se tratarem de regiões que “trazem a magia, os segredos, o encanto, a verdade de tudo o que foi construído por nossos antepassados” (Munduruku, 2010, p. 39), ou seja, são espaços de memórias indígenas e que deveriam, inclusive, ser mais valorizados.

Crônica “Tietê”

O texto se inicia com uma informação importante: “as aldeias indígenas estão sempre bem próximas de rios, lagos ou igarapés” (Munduruku, 2010, p. 45). Não apenas como “única forma de purificar o novo conhecimento” (Munduruku, 2004, p. 29), sabe-se que a água é essencial para “saciar a sede, fazer a comida, molhar a plantação, estabelecer o metabolismo orgânico de tudo que existe. O bebê é guardado na água do útero” (Sousa, 2019, p. 95). Ela está presente em 70% da superfície do planeta e também na composição do corpo humano.

Para que exista vida, é imprescindível a ação das águas e o seu movimento por meio de rios, nuvens, marés, germinação e assepsia. Segundo Bachelard (2018, p. 162), “o devaneio natural reservará sempre um privilégio à água doce, [...] que refresca, [...] que dessedenta”. Quando aplicada às partes mais delicadas do corpo - como os olhos e as inflamações - não provoca irritação. Ao contrário, suaviza as dores em função do predomínio de sua doçura. Assim como a primeira frase da crônica antecipa, ela pode representar o espaço para que a narrativa seja desenvolvida, materializar o imaginário, afiançar as reflexões e conduzir as personagens.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Na sequência, diferenças entre determinados povos são apresentadas. Os Munduruku, por exemplo, ocupam espaços “às margens do grande rio Tapajós e de seus afluentes. Embora [...] nascidos no fundo da terra” - de acordo com o mito ancestral - fizeram “do velho rio um aliado” (Munduruku, 2010, p. 46). Ou seja, de forma respeitosa - sem que seja enxergado como propriedade - extraem desse espaço o alimento e o conhecimento.

Já os Karajá - localizados na Ilha do Bananal, região do Tocantins - têm as suas casas “voltadas para a nascente. São exímios pescadores e canoeiros, e dos rios tiram a esperança e a crença no retorno de seu Criador” (Munduruku, 2010, p. 45). Também por isso, de forma radical, são contrários à “construção de hidrelétricas e hidrovias nos rios que banham suas aldeias” (Munduruku, 2010, p. 45), indo ao encontro do raciocínio de preservação dos espaços da natureza.

Tal qual enfatizado por Krenak (2019, p. 12), “não basta manter apenas alguns lugares como amostra grátis da Terra”. É imprescindível que flora e fauna sejam preservadas ou “vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos [...] vão poder passear para ver como era a Terra no passado” (Krenak, 2019, p. 13). É o que, aparentemente, parecem querer as organizações ao garantirem, depois de muita luta - “foi preciso justificar para a Unesco por que era importante que o planeta não fosse devorado pela mineração” (Krenak, 2019, p. 12) - apenas uma reserva disso ou daquilo.

Crônica “Guaianases, Guarulhos e Guaranis”

Na crônica que encerra o livro, apresentam-se algumas informações acerca da formação do espaço de antigamente: “o Brasil inteiro era habitado por indígenas. Eram oito milhões [...]. Suas vozes também eram muitas: novecentas línguas. [...] havia muitos sabores e saberes que faziam o colorido de nossa gente” (Munduruku, 2010, p. 55). Fala-se também a respeito da terra como um bem comum e edênico, sem a ganância de possuí-la e, conseqüentemente, depredá-la. Havia aldeias em vez de bairros; caminhos de navegação no lugar de rodovias; cantos, danças e rituais em oposição ao rompimento com as tradições. Com o passar dos anos, os seres humanos vão se transformando na

praga do planeta, uma espécie de ameba gigante. [...] É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade. [...] E o caminho é o progresso: essa ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar. [...] Estamos viciados em modernidade (Krenak, 2020, p. 17).

Essa agressiva mudança começa a partir do encontro entre forasteiros e os que aqui habitavam: “nesta terra de Guaraní, de Guaianá e de Guaru, realizou-se a mágica da miscigenação, que criou o novo e abriu as portas da modernidade e do desenvolvimento” (Munduruku, 2010, p. 56). Com a *exploração* dessa gente - que “assegurou até onde pôde a natureza para as futuras gerações” (Munduruku, 2010, p. 57) - os valores se invertem, e é preciso que tudo isso não caia no esquecimento. Até mesmo porque, em diversas oportunidades, o planeta “grita” para que se preste atenção nesse sentido.

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

A pandemia da Covid-19, por exemplo, “está aí agora [...] atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’” (Krenak, 2020, p. 10). O “tarde demais” já se aproxima: rios e comidas estão envenenados, o ar poluído, “o planeta virou um paliteiro” e “estamos ferrados” (Krenak, 2020, p. 27). O referido tumulto pode ser facilmente enxergado na própria São Paulo, “a casa de muitos”, inclusive de “seus filhos mais ilustres: os Guarani” (Munduruku, 2010, p. 57), os quais, por diversas razões, precisaram abdicar das florestas em troca das nem sempre convidativas cidades.

CONCLUSÃO

Como se vê, graças à literatura de autoria indígena, é comum o encontro com importantes e diversificados temas, os quais perpassam os preconceitos vivenciados, a generalização de suas culturas, a falta de saneamento básico, a demarcação de terras, bem como os hábitos culinários, as vivências comunitárias de diferentes aldeias, o respeito à natureza, aos mais velhos e aos animais, a prática de contação de histórias, entre outros.

Apesar de muitos de seus representantes terem passado por um processo migratório - historicamente relacionado com a presença do opressor, o projeto colonial, a dominação das terras, a diáspora indígena etc. - enfatiza-se a permanência das ancestralidades e essências durante a condução de suas atividades cotidianas - como também mostram as narrativas de *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena* - nas cidades. Mesmo há décadas vivendo em espaços urbanos, Daniel Munduruku, por exemplo, ressalta que não abandona as suas origens:

quando ando por Sampa penso que estou caminhando sobre meus ancestrais. E viver bem aqui é mantê-los vivos na minha memória e na memória desta colossal aldeia de desconhecidos. Penso nos antepassados e nos caminhos que faziam quando andavam sobre esta terra. Nos matos que tinham que desbravar, nas caçadas que tinham que empreender, nas guerras a guerrear. E penso que São Paulo é um pouco tudo isso junto e desbravá-la é dar vida à memória dessa gente (2010, p. 12).

Faz-se notável também a quantidade de textos indígenas que apontam a importância de um despertar para o acelerado ritmo de destruição da natureza e à exploração desenfreada dos recursos naturais por parte das sociedades capitalistas. Ademais, no que diz respeito ao espaço narrativo, conforme observado nas crônicas analisadas, “outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de serem, outras regras, outra ética, outra ótica...” (Abramovich, 1997, p. 17) veem-se evidenciados:

nossos antepassados indígenas entendiam que só se é verdadeiramente livre quando se tem uma terra onde se possa bater os pés para convidar os espíritos ancestrais para dançar a música da criação [...]. O dia na aldeia costuma começar sempre muito cedo [...]. Era a hora de tomar o banho gelado que expulsa os maus espíritos da noite e nos dá disposição para enfrentar o novo amanhecer (Munduruku, 2010, p. 33).

DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: entre trilhas acadêmicas e poéticas

Por fim, enquanto a comunidade urbana tende a tomar os recursos naturais como fonte de lucratividade, os povos originários reforçam a importância de que o alimento, as águas, o ar, a terra sejam respeitados em vez de profanados no caminho da extinção dos seres. Nessa lógica, as culturas indígenas apresentam uma pluralidade de espaços tidos como sagrados, isto é, responsáveis pela valorização dos referidos elementos e construídos em atenção a percepções que mudam com o passar dos anos e de povo para povo. Quando compreendem cerimônias, ritos, homenagens, comportamentos sociais etc., esses espaços são ainda preenchidos de interpretações e valorizam as tradições.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. 3. ed. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FERREIRA, P. F. de L. B.; MACHADO, A. Relatos da demanda por uma formação superior multicultural a distância que poderia ser ofertado pelo instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima. **Inter-Legere**, Natal, v. 2, n. 24, p. 362-382. 2019. Disponível em: Acesso em: 13 set. 2021.
- IBIRAPUERA 2023. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/bdjvS>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, A. O desenhador de palavras: Curumim Daniel Munduruku. In: MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo**: um olhar indígena. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.
- MELO, C. A. de. Literatura para quê, professor? In: MELO, C. A. de (org.) *et al.* **Linguagem, educação e tecnologias**: implicações para o ensino. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2021)**. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/tuwzF>>. Acesso em: 01 mai. 2021.
- MUNDURUKU, D.. **Crônicas de São Paulo**: um olhar indígena. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.
- MUNDURUKU, D. **Mundurukando**. São Paulo: E. do Autor, 2010b.
- MUNDURUKU, D. **Sabedoria das águas**. Ilustrações de Fernando Vilela. São Paulo: Global, 2004.
- NUNES, M.. **Escritor Daniel Munduruku estreia e brilha na nova novela da TV Globo, que inaugura núcleo indígena de dramaturgia**. 2023. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/xAFY8>>. Acesso em: 02 jan. 2024.
- PREZIA, B. **Indígenas em São Paulo**: ontem e hoje. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SOUSA, D. P.de. A Representação de Natureza em Daniel Munduruku: um mergulho no livro “Sabedoria das Águas”. **Revista Sapiência**: sociedade, saberes e práticas educacionais, Iporá, v. 8, n. 1, p. 154-177, 2019. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/koKNS>>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- OLIVIERI-GODET, R. Graça Graúna: a poesia como estratégia de sobrevivência. **Interfaces Brasil/Canadá**. v. 17, n. 3, p. 101-117, 2017. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/6VG8m>>. Acesso em: 15 maio 2018.

SOBRE OS AUTORES E ARTISTAS

Artista da capa

Carlos Roberto da Rosa Rangel



Natural de Santana do Livramento-RS, Carlos Rangel começou com o curso profissionalizante em desenho publicitário pelo SENAC, no ano de 1982. Frequentou o curso de Design pela UFN e realizou aperfeiçoamento em desenho artístico na escola Arte Rojo, Sevilha-Espanha. Em 2025, retornou da sua residência artística em Buenos Aires, onde frequentou a escola MEEBA. Na sua trajetória artística, também se destacou como escritor, recebendo o prêmio português de literatura Carlos de Oliveira, com o romance Crime e Revolução em 2013. Atualmente, dedica-se à ilustração de livros infantojuvenis e a produção artística em seus estúdios de Santa Maria-RS e na comunidade naturista Colina do Sol, em Taquara-RS. Sua poética visual caracteriza-se pelo intenso uso de cores e contrastes, favorecendo uma estética expressionista sobre a dramática condição humana contemporânea.

Autores de poemas

Marcos Fernandes-Sobrinho



É semeador de saberes e da palavra. Professor Titular do Instituto Federal Goiano, advogado e consultor. Faz da vida campo fértil onde o saber floresce em múltiplas formas. Licenciado em Física e Filosofia, bacharel em Administração e Direito, cultiva conexões que envolvem razão, ética e sensibilidade. Especialista em Direito Processual Civil; Compliance; LL. M. em Direito de Contratos; e em Arbitragem, Conciliação e Mediação. Doutor em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade de Brasília (Brasil) e Pós-Doutor em Ciências Jurídicas e Direito Público pela Universidad de Las Palmas (Espanha). Atualmente coordena o Programa de Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica (PPGEnEB/IFGoiano) e atua no Programa de Pós-Graduação em Gestão Organizacional (PPGGO/UFCAT), a coordenar a linha de pesquisa: inovação e desenvolvimento tecnológico. Leitor voraz e escritor de alma aberta, Marcos Fernandes acredita que conhecimento só se completa quando tocado pela ternura e pela fé. Em seus versos e reflexões, transparece o homem que encontra no estudo o gesto de amor e na palavra o caminho para a união, a esperança e a justiça.

SOBRE OS AUTORES E ARTISTAS



Josias José da Silva Júnior

Natural de Recife - PE, com vida profissional iniciada em 1982, com atuação em empresas da indústria, comércio e serviços, até ingressar em 01 de agosto de 2014, como professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal Goiano, na área de Administração, atualmente no Campus Ipameri. Doutorando em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC - UFRRJ - 2023) com titulações de Mestre em Geografia pela UFG -Goiânia - GO (2017-2019) e especializações em Gestão em Marketing (UFRJ-Rio de Janeiro-RJ-2002) e Formação Pedagógica (IFGoiano - 2017/2021); Graduado em Administração de Empresas, pela Faculdade de Ciências da Administração de PE (FCAP/UPE - Recife - 1987).



Rita Ramos

Mestra em Letras, poeta e contista. Coautora de livros didáticos e formadora de professores. Pesquisa Memória e Literatura e seu poeta preferido é Manoel de Barros, pela grandeza de suas “despalavras”. Mora em Guarapuava/Pr, é casada com Nilson, mãe de Pablo e Erika e vê em seus netos - Olívia, Bernardo e Felipe a continuidade de um amor derramado em abraços e carinho!



Paula Andreia Dias Domingues

É poeta, compositora e cantora de Música Popular Brasileira (MPB). Natural de Trindade (GO), iniciou sua trajetória cultural em 1999, participando de festivais estudantis e locais como FAAL e FIT. Em 2017/18, ganhou destaque no programa Frutos da Terra (TV Serra Dourada), com reprises em anos seguintes. Graduiu-se em Educação Musical em 2021, participou de oficinas de canto na EMAC-UFG (2023/2024) e gravou seu primeiro EP autoral “Paula Dias” de 2023 a 2024 com lançamento oficial em 2025, contendo 5 músicas autorais publicadas na Biblioteca Nacional e nas plataformas digitais como youtube, spotify entre outras. Seus poemas foram publicados nos Concursos Nacionais de Novos Poetas em 2017, 2019, 2021 e 2024. É também, Gestora de Marketing (2008), Pedagoga (2025), Especialista MBA em Gestão de Pessoas (2011), Mestre em Administração (2015) e Doutoranda em Administração pela USP(2025). Atualmente divide seu tempo entre o trabalho como Assistente em Administração no Campus Ceres do IF Goiano, seus estudos, suas produções autorais e participações em eventos culturais.

SOBRE OS AUTORES E ARTISTAS

Autores de Artigos científicos

Cauã Oliveira Lima



Graduando em Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará-UFPA, integrante do Programa de Estudos Costeiros-PEC/MPEG e possui vínculo com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC/CNPQ do Museu Paraense Emílio Goeldi-MPEG. Foi premiado em 1º lugar da Coordenação de Ciências da Terra e Ecologia do Museu Goeldi no Seminário PIBIC/MPEG de 2023, indicado em 2024 pela instituição ao 21º Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica, na área de Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, e indicado para Jornada Nacional de Iniciação Científica, atividade da 76 SBPC. Possui experiência em atividades acadêmicas com comunidades tradicionais da Zona Costeira do Pará, especificamente nos municípios de Bragança-PA, Curuçá-PA, Tracuateua-PA e Quatipuru-PA. A principal linha de pesquisa é a dinâmica da paisagem em relação aos últimos 10.000 anos A.P. Tem interesse em estudos relacionados a Geografia Física, especificamente nas áreas de Cartografia Social, Geoarqueologia, Geomorfologia e Hidrografia.

Bruno Eduardo de Oliveira Gomes



Discente do curso de Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), atualmente cursando o 8º semestre. Atua como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Geografia, desenvolvendo atividades voltadas à formação docente e à integração entre universidade e escola básica. Além disso, é voluntário do Programa de Educação Tutorial (PET) Geografia UFPA, onde participa de ações voltadas ao ensino, pesquisa e extensão, com foco na construção de uma educação geográfica crítica e comprometida com as questões socioambientais amazônicas.

Erik Mendonça Silva



Nascido e criado no Bairro do Una na cidade de Ananindeua - PA. Sua trajetória perpassa pelas ruas em que passou a infância, foi por meio delas que veio o interesse pelas ciências humanas ao observar as desigualdades que estudava nos livros, o que lhe levou a cursar Geografia na Universidade Federal do Pará. Na academia, conseguiu fazer parte do tripé do ensino, pesquisa e extensão, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, do Programa de Educação Tutorial - PET e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação

SOBRE OS AUTORES E ARTISTAS

Científica - PIBIC. Atualmente, suas pesquisas se voltam à dinâmica da paisagem nas bacias urbanas de Belém e seus impactos nas vidas de seus moradores.

Rita Denize de Oliveira



Professora da Universidade Federal do Pará do curso de Geografia Bacharelado e Licenciatura possui graduação em geografia pela Universidade Federal do Pará (1999) e Mestrado em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (2002) e Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e professora do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia-PPGAA. Desenvolve pesquisas na área de Geomorfologia e Pedologia, atuando principalmente nos seguintes temas: solos antropogênicos, Agroecologia, geomorfologia fluvial e impactos socioambientais vinculados à construção de Usinas Hidrelétricas.

Letícia Santana Stacciarini



É professora de Letras, desde 2014, do Instituto Federal Goiano – Campus Catalão. Autora dos livros “O doce do doce de batata-doce”, “Os seus, os meus, os nossos... constrangimentos” e “O Espaço Narrativo na Literatura Indígena Brasileira Voltada ao Público Infantil”. Pós-doutorado em Letras (UFRR). Doutora em Estudos Literários (UFU). Mestra em Estudos da Linguagem (UFG). Graduada em Letras – Português, Inglês e Espanhol, bem como em Direito. Responsável pela escrita de livros, capítulos de livros, artigos em periódicos e anais de eventos científicos, além de poesias, redações e contos premiados em concursos culturais.

